

DE QUE COR É MINHA COR? TRABALHANDO AS QUESTÕES RACIAIS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Maria Emanuela de Oliveira Cruz

Universidade Federal de Campina Grande

emanuela.olliveira@hotmail.com

Profa. Pávula Maria Sales Nascimento

Universidade Federal de Campina Grande

pavulamaria@yahoo.com.br

RESUMO

Nós brasileiros vivemos em um país diverso e miscigenado. Fazem parte do nosso povo diversas formas de ser, fazer, pensar, sentir e agir. A heterogeneidade é algo que faz parte de nós; somos brancos, negros, mulatos, caboclos... Temos várias crenças, pensamos e agimos de diversas formas, o multiculturalismo é algo arraigado em nós. Sendo assim, não podemos negar a presença desta diversidade no ambiente escolar e ocultar a diferença presente em nós. Devemos agir diante de nossa realidade reconhecendo a cultura e o pertencimento de nossos alunos e contribuindo com práticas favoráveis a este reconhecimento. É neste sentido que este trabalho tem como objetivo apresentar um recorte dos resultados de uma pesquisa realizada em uma turma de Maternal I de uma Creche Municipal de Campina Grande – PB, onde utilizamos a literatura infantil para trabalhar a questão da identidade, por acreditar que através da literatura as crianças se colocam no lugar dos personagens e vivenciam cada situação trabalhada, facilitando assim a compreensão das mesmas e a construção de um aprendizado satisfatório. Cremos que a realização de um trabalho de conscientização, reconhecimento e respeito desde a infância em muito contribuirá para a formação identitária do aluno e a sua consciência cidadã. Colaborando para a formação de sujeitos mais críticos, participativos e orgulhosos de seu pertencimento cultural e racial.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Infantil; Identidade; Pertencimento Racial e Cultural.

ABSTRACT

We Brazilians live in a diverse and interbred country. It is part of our people different ways of being, doing, thinking, feeling and acting. Heterogeneity is something that is part of us; we are white, black, mulatto, mestizo... We have several beliefs, we think and act in different ways, multiculturalism is something ingrained in us. Therefore, we cannot deny the presence of such diversity in the school environment and hide this difference in us. We must act facing our reality by recognizing our culture and the belonging of our students and contributing with favorable practices to this recognition. In this sense, this work aims at presenting an outline of the results of a survey conducted in a class of Maternal I a Municipal Nursery of Campina Grande - PB, where we use children's literature to work the issue of identity, believing that through literature, children put themselves in the place of the characters and experience every situation worked, thus facilitating its comprehension and the construction of a satisfactory learning. We believe that conducting a work of awareness, appreciation and respect from childhood greatly contribute to the identity formation of the student and his social consciousness. Contributing to the formation of more critical, participatory and proud of their cultural and racial origin subjects.

KEY-WORDS: Children's Education. Identity. Racial and Cultural Belonging.

INTRODUÇÃO

Diante da diversidade presente no povo brasileiro, das múltiplas formas de ser, fazer, pensar, agir e crer, uma das questões que consideramos importante refere-se ao pertencimento étnico-racial e cultural de nossos alunos. Quem são? De cultura fazem parte? Como são? O que pensam? Determinados questionamentos nos motivaram a realizar este trabalho por acreditarmos que nós, professores, não podemos desconsiderar as diferenças, singularidades e subjetividades de nossos alunos e desejar transformá-los em iguais.

É certo que a igualdade de direitos e deveres é algo garantido por lei, a Constituição Federal de 1988 deixa claro desde o preâmbulo, ao afirmar estar destinada a “assegurar o exercício dos direitos sociais e individuais, a liberdade, a segurança, o bem-estar, o desenvolvimento, a igualdade e a justiça como valores supremos de uma sociedade fraterna, pluralista e sem preconceitos, fundada na harmonia social [...]”

E ao prosseguir citando como objetivos fundamentais no artigo 3º, §3º “erradicar a pobreza e a marginalização e reduzir as desigualdades sociais e regionais e §4º

“promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação.”

E que determinada igualdade apesar de garantida por lei não é verdadeiramente posta em prática, mas se tivermos de falar em igualdade, que seja apenas esta, igualdade de reconhecimento, de direitos de serem respeitados da forma que são e de deveres de cidadãos conscientes.

Ademais, que possamos considerar as diferenças de nossos alunos, valorizá-los da forma que são e praticar o que esta posto na constituição, que nossa prática esteja pautada na garantia de uma redução de desigualdades raciais e de qualquer forma de discriminação.

É nesse sentido que temos como objetivo, relatar um recorte das práticas realizadas no processo de efetivação de um projeto de intervenção em uma instituição municipal de Campina Grande – PB, localizada no Distrito de São José da Mata, com uma turma de Maternal I, tendo como público alvo cerca de 15 alunos de 02 a 03 anos de idade.

Acreditando que através da literatura as crianças vivenciam as situações e essa vivência permite um melhor entendimento por parte das crianças, nosso intuito foi utilizar a mesma como ponte entre o saber e o fazer, o conhecimento e o reconhecimento dos alunos.

Através da literatura infantil trabalhamos valores como paz, amor e respeito ao próximo e conteúdos como reconhecimento identitário, linguagem oral, leitura de imagens e interpretação da história.

METODOLOGIA

Determinado trabalho foi realizado no presente ano, em uma turma de Maternal I (como citamos acima), com crianças de 02 a 03 anos de idade em uma instituição pública do Distrito de São José da Mata. Sendo qualificado por uma pesquisa do tipo ação por se tratar de um projeto de intervenção e acreditar que “[...] além de compreender, visa intervir na situação, com vistas a modificá-la.” (SEVERINO, 2007, p. 120). Caracteriza-se também por uma análise bibliográfica e documental por nos embasarmos em discussões legais e bibliográficas para a discussão do tema.

Para a realização da pesquisa documental, destacamos documentos Nacionais, Estaduais e Municipais que regulamentam a proposta de uma educação intercultural, a exemplo da Constituição de 1988, Referencial Curricular para a Educação Infantil (1988), a Lei 10.639/03 e as Diretrizes Curriculares para a Educação Infantil (2010).

E para a análise dos dados coletados contamos com as contribuições de ALVES que destaca a relevância da prática docente na formação do aluno e BRANDÃO, CUNHA e CABRAL que discutem a relevância do uso da literatura na educação infantil MOREIRA e CANDAU que tratam das questões identitárias e da discussão étnico-racial.

A escolha por esta temática se deu devido a observação da realidade escolar, das relações dos professores e alunos, do eixo temático oferecido pela secretaria da educação “desenvolvimento humano e cultural de paz” e por fim, da crença de que, se trabalharmos o reconhecimento identitário, o pertencimento e as relações étnico-raciais com as crianças desde cedo, estaremos contribuindo com a formação de cidadãos melhores.

ANÁLISE DOS RESULTADOS

A Lei 10.639 promulgada em março de 2003, estabelece a obrigatoriedade do ensino da história e cultura africana e afro-brasileira em toda educação básica e mais especificamente nas disciplinas de literatura, história e educação artística. Apesar de não tornar explícita determinada obrigatoriedade na educação infantil, acreditamos que o trabalho com a identidade e os valores são essenciais na formação das crianças.

Com base nisto, as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil (2010) afirmam que as propostas pedagógicas deverão realizar trabalhos que promovam “o reconhecimento, a valorização, o respeito e a interação das crianças com as histórias e as culturas africanas, afro-brasileiras, bem como o combate ao racismo e à discriminação” (p. 21). Neste intuito, iniciamos o trabalho com práticas de leitura em sala de aula, permitindo que nossos alunos tivessem acesso a esses conteúdos de maneira lúdica e prazerosa.

Em um primeiro momento, contamos a história “Um mundinho de paz”, em que o autor trabalhou valores de uma maneira acessível para a construção de um

conhecimento por parte das crianças, afirmando que o mundo de paz é aquele que respeitamos as pessoas da forma que são e não brigamos, buscamos amar e preservar a natureza, afinal, o mundo é a nossa maior casa.

Após a contação da história e o trabalho com a música referente ao tema, produzimos um cartaz com as mãos das crianças pintadas de branco (representado a pomba, símbolo da paz) envolvendo o desenho de um mundo. Ou seja, construímos a representação de que o mundo que queremos é um mundo que tenha mais paz e amor e menos guerra e discussões.



Figura 01: Produção do cartaz com atuação das crianças.
Fonte: Arquivo pessoal.

Uma produção artística produzida pelas crianças após um trabalho com uma história que até então lhes parece mais do campo simbólico do que a concretização de sua realidade, é importante para que as mesmas além de compreender o conteúdo trabalhado, sintam-se parte da construção do conhecimento e capazes de agir no processo de ensino-aprendizagem. Interessante é perceber que sempre que realizamos atividades deste tipo, todas participam com muita alegria e entusiasmo.

Após a realização desta atividade, continuamos a trabalhar valores utilizando desenhos animados e brincadeiras de roda, ao assistirem o desenho, as crianças observam o que acontecem no cotidiano do personagem principal e se envolvem com as

histórias e ao brincar de roda, entendem a importância de trabalhar em grupo, cooperar com os colegas e brincar com todos.

É importante destacar que a brincadeira faz parte dos momentos de aprendizagem das crianças e não devem ser separadas disto, como “o momento de brincar e o momento de aprender”, as crianças aprendem brincando e nós professores precisamos estar cientes disto.

Rubem Alves afirma em seu livro *O desejo de ensinar e a arte de aprender* que “[...] é preciso que o professor saiba brincar e tenha uma cara de criança ao ensinar. Porque cara feia não combina com brinquedo” (2004, p. 41) e completamos dizendo que falta de brincadeira não combina com criança.

E por fim, durante a segunda semana de atividades, realizamos o trabalho voltado especificamente para identidade e as questões raciais na sala de aula. Utilizando o livro *Empresta teu lápis de cor?* Da autora Rafaelli Constantino Valêncio.

Este livro conta a história de uma menina chamada Duda, que gostava muito de pintar, desenhar e colorir. Um dia ela desenhou uma princesa africana igualzinha a ela, e saiu pela sala de aula emprestando vários lápis de cor, mas não encontrava o lápis “cor de pele”, até que os amigos da sala ajudaram Duda a pensar se essa cor realmente existe. Então, com a ajuda dos amigos, ela mistura várias cores criando um desenho muito especial.¹

As práticas realizadas através desta história foram bastante significativas e o envolvimento das crianças foi surpreendente. Como mencionamos anteriormente, a contação de história é importante na educação infantil pois permite que as crianças desenvolvam sua imaginação e vivenciem cada história contada, esta vivência permite um maior entendimento a cerca das questões trabalhadas.

É importante lembrar que a literatura infantil não deve ser utilizada só como proposta didática de incentivar a leitura e “criar um leitor”, mas como um momento prazeroso para as crianças, um momento especial. Como afirma Brandão (2009) os professores devem buscar cumprir “[...] a tarefa de espalhar nas crianças o pó do pirlimpimpim da imaginação” (p. 125). Ou seja, oferecer momentos de descontração, criação e recriação.

É desse modo que consideramos relevante a participação das crianças que ouviram a história, participaram e recontaram. Entenderam o sentido de nossa ação,

¹ Disponível em: <http://www.uel.br/editora/portal>

reconheceram suas características físicas a partir das características da personagem da história (uma menina negra de cabelos cacheados) e identificaram suas cores de pele, as características de seus cabelos e a diferença de cada um dos colegas e das professoras.



Figura 02: Contação da história e reconto das crianças.
Fonte: Arquivo pessoal.

Pensando na faixa etária das crianças que lidamos, de 02 a 03 anos de idade, lembrando que segundo Piaget, dos 02 aos 07 anos a criança encontra-se no nível pré-operacional e é justamente

[...] nestes processos, as crianças iniciam a representação de papéis, este jogo de faz-de-conta facilita a internalização de processos do mundo que a cerca, pois a criança imita fatos da vida real e cotidiana. Estes aspectos são adquiridos paulatinamente pela criança, são gerados aproximadamente nos dois anos de idade, a partir da representação mental, passando a existir uma inteligência simbólica (representacional) (CUNHA E CABRAL, 2009, p. 58).

Foi seguindo este pensamento que consideramos importante o uso da literatura na educação infantil e sua contribuição para o trabalho com o reconhecimento identitário e as relações étnico-raciais. Afinal, se trabalharmos as características das crianças desde cedo e explicarmos que todas são diferentes e belas em suas diferenças, estaremos contribuindo com a formação de cidadãos orgulhosos de seu pertencimento, sendo negros, brancos ou mestiços; tendo os cabelos lisos, cacheados ou ondulados, todos são bonitos como são.

Sendo assim, diante da realidade que vivemos, é necessário que tenhamos posturas que superem “[...] o daltonismo cultural usualmente presente nas escolas, responsável pela desconsideração do “arco-íris de culturas” com que se precisa trabalhar” (MOREIRA E CANDAU, 2003, p.161). É preciso que haja a valorização das diferenças e não o ocultamento das mesmas.

E concluindo a sequência didática, realizamos um trabalho de pintura (com giz de cera) onde oferecemos para as crianças uma atividade impressa com a imagem de um menino e uma menina para que tivessem a liberdade de usar o lápis de cor que desejassem e representasse a sua compreensão o tema em questão.

Observamos que a maioria delas utilizou de cores primárias como verde, azul, vermelho e apenas duas crianças pintaram a menina negra, uma com giz preto e outra com giz marrom. Pensamos ser comum esta atitude por relacionarmos o desenho a cor de cada um e a liberdade de escolherem a cor que queriam, no entanto, a atitude das duas crianças nos chamou atenção porque uma delas relacionou a menina da história e a outra a professora (que vos escreve) afirmando: essa daqui é você!

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se parássemos para avaliar minuciosamente cada atitude das crianças diante das atividades citadas, as palavras não caberiam aqui, sendo assim, cabe apenas considerarmos que por se tratar do início de um projeto, a recepção dos alunos e professores da instituição foi bastante proveitosa e nos mostrou que é possível fazer a diferença. A exemplo disto, temos um poema produzido por uma das professoras da instituição e da turma em que trabalhamos, que resume nossas considerações a cerca do trabalho.

Concluimos este trabalho com o poema porque ele retrata nossos objetivos, o desenho de que os professores entendam o quanto é importante considerar cada singularidade de seus alunos e o quanto eles sentem-se únicos quando fazer isso, que possamos ler este poema com o pensamento de que nossa ação no ambiente escolar é capaz de fazer muita diferença.

A cor da minha cor

Se sou preta ou branquinha
Amarela ou vermelhinha
Não importa o que sou

Sou menino sou menina
Sou criança sou feliz
Sou da cor da minha cor

Sou da cor da alegria
Cor da noite cor do dia
Cor do claro e da escuridão

Sou sempre de qualquer cor
Mas, que cor é minha cor?

Sou da cor do arco-íris
Cor da paz e da esperança
Que o mundo pode ter...

Sou da cor de toda gente
A cor que me faz contente
Sou da cor que posso ser

E pra finalizar esta aquarela
A cor mais bonita e mais bela
É a cor da emoção

Essa cor é da verdade
É a cor da igualdade
Cor sem discriminação.

(Mariceli Morais)

Cor sem discriminação, essa cor é a que desejamos colorir nossas vidas, nossas práticas, nosso ambiente escolar, em nossas atitudes como docentes, na diferença que fazemos na vida de nossos alunos, afinal, como disse Rubem Alves (1994) “Ensinar é um exercício de imortalidade. De alguma forma continuamos a viver naqueles cujos olhos aprenderam a ver o mundo pela magia da nossa palavra. O professor, assim, não morre jamais...”

REFERÊNCIAS

ALVES. Rubem. O desejo de ensinar e de aprender. Campinas: Fundação Educar DPaschoal. 2004.

ALVES. Rubem. A alegria de ensinar. 3ª ed. Ars Poetica. Editora Ltda. 1994.

BRASIL. Constituição da República do Brasil. 36 edição Atualizada e Ampliada. São Paulo: Saraiva, 2005. (Coleção Saraiva de Legislação).

_____. Referencial Curricular para a Educação Infantil. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria da Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998

_____. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Brasília: Secretaria de Educação Básica/MEC/SEB, 2010.

_____. Lei 10.639/03. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br>. Acesso em: Outubro de 2014.

BRANDÃO, S. M. B. A. O livro literário na educação infantil: ressignificando a prática pedagógica. In: Ser Criança: Repensando o lugar da criança na Educação Infantil. Campina Grande: EDUEPB, 2009. p. 119-126.

CUNHA, B.B; CABRAL, L.B. A descoberta do mundo nos anos iniciais: como a criança aprende. In: Ser Criança: Repensando o lugar da criança na Educação Infantil. Campina Grande: EDUEPB, 2009. p. 49-61.

MOREIRA, A.F.B; CANDAU, V. M. Educação escolar e cultura(s): construindo caminhos. Revista Brasileira de Educação. Nº 23. Maio/Jun/Jul/Ago. 2003. p. 156-168.

SEVERINO, Antônio Joaquim. Metodologia do trabalho científico. 23. ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2007.